

## Literatura, Feminismo Decolonial e Educação Popular

*Literatura, Feminismo decolonial y Educación popular*

*Literature, Decolonial Feminism and Popular Education*

**Mayara Haydée Lima Sena**

**Marília Neide Lima Sena**

**Resumo:** O trabalho articula literatura, feminismo decolonial e educação popular no cursinho popular Marielle Franco como um dos caminhos para “desestabilizar certezas” da modernidade colonial. O cursinho objetiva muito mais do que o acesso à universidade pública, pretende estabelecer diálogos em direção à educação crítica e problematizadora. Nessa empreitada, propõe-se o trabalho com as literaturas anti-ideológicas e insubmissas de Guisela López, de Nancy Morejón e de Angélica Freitas, as quais percorrem as contrariedades da colonialidade de gênero, nas aulas de literatura em língua portuguesa e em língua espanhola, como *elemento ativo*, em direção de uma consciência crítica. O espaço de diálogos entre estudantes, educadores, texto literário e mundo revela-se, desde 2019, como um caminho poderoso rumo à educação crítica e à problematização das violências experienciadas diariamente por mulheres no município de Castanhal.

**Palavras Chave:** Literatura. Feminismo Decolonial. Educação popular.

**Resumen:** El trabajo articula la literatura, el feminismo decolonial y la educación popular en el curso popular Marielle Franco como una de las formas de "desestabilizar certezas" de la modernidad colonial. El curso tiene como objetivo mucho más que el acceso a la universidad pública, pretende establecer diálogos hacia una educación crítica y problematizadora. En este proyecto, proponemos el trabajo con las literaturas anti-ideológicas y desobedientes de Guisela López, Nancy Morejón y Angélica Freitas que pasan por los reverses de la colonialidad de género, en clases de literatura en portugués y español, como elemento activo, hacia una conciencia crítica. El espacio de diálogo entre estudiantes, educadores, textos literarios y el mundo se ha revelado desde 2019 como un poderoso camino hacia la educación crítica y la problematización de la violencia que experimentan diariamente las mujeres en la ciudad de Castanhal.

**Palabras Claves:** Literatura. Feminismo Decolonial. Educación Popular.

**Abstract:** This paper articulates literature, decolonial feminism and popular education in the Popular Preparatory Course Marielle Franco as one of the ways to "destabilize certainties" of colonial modernity. The course aims to achieve much more than the access to the public university, it intends to also establish dialogues towards a critical education. In this endeavor, we propose to work with the anti-ideological and insubmissive literatures of Guisela López, Nancy Morejón, and Angélica Freitas, which go through the contrarities of gender coloniality, in the Portuguese and Spanish literature classes, as an active element, towards a critical consciousness. The dialogue between students, educators, literary text, and world reveals itself, since 2019, as a powerful path towards critical education and the problematization of the violence experienced daily by women in the municipality of Castanhal.

**Key-words:** Literature. Decolonial Feminism. Education in the Popular.

**Mayara Haydée Lima Sena** – Graduada em Letras \_ Língua portuguesa e mestranda em Letras – Estudos literários (UFPA). E-mail: [mayarahaydeesena@gmail.com](mailto:mayarahaydeesena@gmail.com)

**Marília Neide Lima Sena** – Graduanda em Letras – Língua espanhola (UFPA). E-mail: [marilialimasena@gmail.com](mailto:marilialimasena@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

Em um cenário tenebroso desde o golpe de 2016 – o impeachment estratégico da presidenta Dilma Rousseff –, a educação brasileira formal vem sofrendo numerosos desmontes. Os declínios educacionais vão desde mudanças instrumentais, como as adequações ideológicas no principal meio de acesso às universidades públicas, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), e a exclusão das secretarias de Articulação com os Sistemas de Ensino e de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação, bem como sua substituição pela subsecretaria de Fomento às Escolas Cívico-Militares; a ataques jurídicos, como a promulgação da Emenda Constitucional (EC) 95/2016, ou *PEC da Morte*, que lesiona diretamente a Educação e a Saúde.

É nesse contexto, lamentável para a educação formal brasileira que o Movimento Social PAJEÚ, em 23 de março de 2019, fundou o cursinho popular Marielle Franco na cidade de Castanhal, interior do Pará. Planejado, estrategicamente, para ser implantado em um dos bairros mais negligenciados pelo poder público municipal, o cursinho funcionou, inicialmente, na Associação Casa de Sopa, no bairro Propira, periferia do município. Devido à grande demanda de alunos e alunas, a qual atingia 115 pessoas, o projeto migrou para a Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Emília Gimenez, também afastada do centro do município. Atualmente, em decorrência da pandemia da Covid-19, as aulas estão funcionando na modalidade remota.

Sendo um cursinho popular, o projeto Marielle Franco tem, como objetivos e metas, muito mais do que o acesso a uma universidade pública, anseia-se estabelecer diálogos em direção à educação crítica e problematizadora que supere a concepção bancária (FREIRE, 2019), ainda tão vigente. Nessa empreitada, propõe-se o trabalho com literaturas anti-ideológicas e insubmissas de Guisela López, de Nancy Morejón e de Angélica Freitas, as quais emanam vozes que performam o feminismo decolonial, nas aulas de literatura em língua portuguesa e em língua espanhola, como *elemento ativo*, em direção a uma consciência crítica.

### 1. Diálogos Entre Educação Popular e Literatura Feminista Decolonial

Na América Latina, a Educação Popular caminha, desde seus diálogos iniciais (na década de 1950) até hoje, em suas incontáveis práticas e teorias, em direção à emancipação humana e, unanimemente, “todas refletem uma recusa à educação do colonizador” (GADOTTI, 2007, p. 25). Desse modo, no município de Castanhal, o cursinho popular Marielle Franco é um espaço que tem contribuído, desde 2019, para o fomento de diálogos sobre a colonialidade em diversas disciplinas e ações educativas. Neste trabalho, o enfoque será as literaturas em língua portuguesa e espanhola da guatemalteca Guisela López, da cubana Nancy Morejón e da brasileira Angélica Freitas, vislumbrando as aberturas promovidas em direção a questões que englobam o feminismo decolonial.

Segundo o filósofo e crítico literário marxista Terry Eagleton (2011), as artes, inclusive a literatura, estão submersas na ideologia e, dessa forma, maquinam para a legitimação das opressões da classe dominante, bem como estão contidas na superestrutura. Todavia,

a arte encontra-se imersa em ideologia, mas também consegue se distanciar dela, a ponto de nos permitir ‘sentir’ e ‘observar’ a ideologia de onde surge. (EAGLETON, 2011, p. 39)

Nesse sentido, compreende-se que algumas manifestações literárias podem desagregar-se da ideologia para, assim, descortinar suas incontáveis contradições. Parte-se, neste trabalho, das compreensões da socióloga marxista Heleieth Saffioti (2013), no sentido de entender que a opressão às mulheres não nasce com o advento do sistema capitalista, mas que é extremamente aprofundada por ele.

A cumplicidade entre a intrusão colonizadora e o capitalismo é indispensável para o entendimento do sistema ao qual fomos mergulhados, uma vez que ele

só pôde ter início devido à violenta pilhagem colonial e à ‘caça comercial de peles negras’ na África, seu recrutamento forçado para a escravidão no ‘Novo Mundo’ e a expropriação de povos indígenas. Longe de ser interrompida quando o capitalismo decolou, a expropriação baseada na raça de povos privados de liberdade ou dependentes serviu, desde então, como condição oculta para possibilitar a exploração lucrativa do ‘trabalho livre’. A distinção entre ‘trabalhadores e trabalhadoras’ explorados e os demais, dependentes e expropriados, assumiu diversas formas ao longo de toda a história do capitalismo – escravidão, colonialismo, apartheid e divisão internacional do trabalho – e foi indistinta algumas vezes. (ARRUZA; BHATTACHARYA; FRASER, 2019, p. 78)

Ao contrastar as noções de colonização e colonialidade de gênero, a socióloga argentina María Lugones (2014), em *Rumo a um feminismo decolonial*, pontua que, contrariamente à colonização, a colonialidade do gênero ainda está incessantemente presente e “é o que permanece na intersecção de gênero/classe/raça como construtos centrais do sistema de poder capitalista mundial” (p. 939).

Nesse segmento, problematizando as epistemologias canônicas feministas alicerçadas como universais, o feminismo decolonial, providenciado principalmente por pensadoras latino-americanas, propõe a superação da soberania teórica europeia e norte-americana. Com esse intuito, insubmissões epistemológicas caminham há alguns anos na contramão do eurocentrismo nas ciências, o qual a pensadora nigeriana Oyèrónkẹ́ Oyèwùmí chama de “racialização do conhecimento” (2020, p. 86), que elege a Europa como berço de todo conhecimento e os europeus como os possuidores do saber. A primeira dessas contestações na esfera do conhecimento nasce na década de 1970, com os chamados estudos pós-coloniais.

Focado prioritariamente nas colônias asiáticas e africanas, as questões principais das pesquisas ligadas ao pós-colonialismo eram a crítica à modernidade eurocentrada, a análise da construção discursiva e representacional do Ocidente e do Oriente e suas consequências para as construções das identidades pós-independência. (HOLLANDA, 2020, p. 14)

Pensadoras e pensadores como Gayatri Spivak, Frantz Fanon, Edward Said, entre outros/outras, e o grupo indiano *Subaltern Studies*, organizado por Ranajit Guha, foram vozes ecoantes dos indóceis posicionamentos desses/dessas intelectuais pós-coloniais.

No final da década de 1990, há a “passagem dos estudos pós-coloniais para os decoloniais” (HOLLANDA, 2020, p. 14). Nessa direção, na América Latina, começam a se disseminar, contrariando as imposições da modernidade/colonialidade, reações epistemológicas e políticas com a publicação inaugural de *Colonialidad y modernidad-racionalidad*, do pensador peruano Aníbal Quijano.

Nesse cenário, emerge a noção de *giro decolonial*, de Nelson Maldonado-Torres, a qual denota “o movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico, à lógica da modernidade/colonialidade. A decolonialidade aparece, portanto, como o terceiro elemento da modernidade/colonialidade” (BALLESTRIN, 2013, p. 105).

Embora o notável grupo Modernidade/Colonialidade, como aponta a professora gaúcha Luciana Ballestrin (2013), admita a influência dos estudos pós-coloniais, o (M/C) nega a coligação com esse pensamento. Há, inclusive, para sinalizar essa diferenciação, a distinção léxica proposta entre colonialismo e colonialidade:

Enquanto **colonialismo** denota uma relação política e econômica de dominação colonial de um povo ou nação sobre outro, a **colonialidade** se refere a um padrão de poder que não se limita às relações formais de dominação colonial, mas envolve também as formas pelas quais as relações intersubjetivas se articulam a partir de posições de domínio e subalternidade de viés racial. (HOLLANDA, 2020, p. 16).

Na mesma perspectiva, surge a indicação de Catherine Walsh para a utilização de decolonial, propondo a queda da letra s, no lugar de descolonial. O vocábulo decolonial marcaria, portanto, o movimento contínuo de transgressão da colonialidade, entendida em suas inúmeras manifestações de poder que ainda estão presentes; enquanto descolonial denotaria o sentido circunscrito ao fim do colonialismo.

Ao pensar a colonialidade, María Lugones complexifica o conceito histórico proposto por Aníbal Quijano sobre a indivisível relação entre raça e exploração capitalista, no processo de colonização das Américas, como indispensável para o sistema de poder capitalista (2014, p. 939). A autora enfatiza a dimensão da *lógica categorial* e das *dicotomias hierárquicas* – pautando os marcadores gênero, raça e sexualidade – e classificando-os como basilares para o pensamento colonial e capitalista. Diante disso, Lugones assinala o caminho da resistência “à colonialidade do gênero na *diferença colonial* a partir de um *locus fraturado*, respaldado pela fonte alternativa de sentido que torna possível elaborar respostas” (p. 949). Nesse sentido, o feminismo descolonial seria, portanto, o caminho para vencer a colonialidade de gênero, a qual a autora descreve como a opressão de gênero racializada capitalista (p. 941).

María Lugones faz parte de um grupo de intelectuais, bem como Oyèrónkẹ Oyěwùmí, que compreende que a categoria gênero está ausente no mundo pré-colonial, segundo a antropóloga feminista Rita Segato (2012). Existiria, ainda, mais duas posições dentro do movimento feminista: a do feminismo eurocêntrico e a que identifica “a existência de nomenclaturas de gênero nas sociedades tribais e afro-americanas” (2012, p. 116), perspectiva a qual Rita Segato se localiza.

Esta terceira vertente identifica nas sociedades indígenas e afro-americanas uma organização patriarcal, ainda que diferente da do gênero ocidental e que poderia ser descrita como um *patriarcado de baixa intensidade*, e não considera nem eficaz nem oportuna a liderança do feminismo eurocêntrico (Ibidem, p. 116).

Seja utilizando o termo *pré-intrusão*, como propõe Segato (2012), seja optando por *não moderno*, como sugere Lugones (2004), as pesquisadoras decoloniais, discursivamente, pensam caminhos

fora das engrenagens modernas, as quais proclamam uma perambulação histórica inevitável: a Modernidade. Dessa forma, tanto Rita Segato quanto María Lugones não utilizam o termo pré-moderno para as sociedades que não seguem os padrões coloniais, pois, quando se adere a essa perspectiva, “conhecimentos, relações e valores, práticas ecológicas, econômicas e espirituais são logicamente constituídos em oposição a uma lógica dicotômica, hierárquica, ‘categorial’” (LUGONES, 2004, p. 936).

Assim, constata-se que, para libertação das amarras da colonialidade do gênero, é necessário seguir pela via do feminismo decolonial, como adverte Lugones (2014). Nessa direção, pensando em como a literatura pode contribuir neste desafio, evoca-se a teoria marxista da literatura com Terry Eagleton (2011). Segundo o autor, a arte, pensada aqui especificamente na linguagem literária, não poderia sozinha modificar a História, mas ela é um *elemento ativo* para essa mudança (p. 25). Sabendo disso, a pesquisadora Samira Nahid de Mesquita afirma que

Sendo a realidade vivida um sistema de múltiplas referências, a literatura se insere nela, tentando uma unificação dessa multiplicidade. Pode problematizá-la, discuti-la ou simplificar a visão que dela se pode ter. Pelo seu caráter de liberdade de discurso, de ação verbal ficcional, independe de qualquer objetivo pragmático, pode contribuir para desestabilizar ‘certezas’ (1969, p. 15).

Nas aulas de literaturas em língua portuguesa, os diálogos fomentados pela leitura de poemas da poeta Angélica Freitas, no ano de 2019, proporcionaram essa “desestabilização de certezas”. O trabalho de leitura e interpretação de poemas do livro *O útero é do tamanho de um punho* (2017), o qual tematiza e questiona, poeticamente, opressões e hierarquias de gênero, gerou espaços para problematizações sobre desigualdades de gênero; divisão sexual do trabalho, visto que a grande maioria dos/as estudantes são mulheres, negras, pobres e mães; além disso, os diálogos sobre as interpretações criaram relações de confiabilidade que oportunizaram o compartilhamento de violências experienciadas pelas próprias alunas.

Nas aulas de literaturas em língua espanhola, também se propõe a discussão decolonial feminista mediante às inúmeras possibilidades oriundas da literatura. O trabalho com escritoras feministas, principalmente latino-americanas como a poeta guatemalteca Guisela López e a poeta afro-cubana Nancy Morejón, é orientado pela educadora popular e militante Marília Sena.

A poética de Guisela López é muito marcada pela representação das opressões das mulheres e da resistência feminista. Um dos poemas de López que foi lido e interpretado no cursinho aponta, além de outras incontáveis direções, para as desigualdades sofridas pelas mulheres. Este é intitulado “*Rompiendo hechizos*”:

Es necesario  
revertir el hechizo.  
Ese,  
que borra a las mujeres  
de los libros de historia,  
de las esferas de poder,  
de las antologías.  
Ese,  
que las encierra

entre cuatro paredes,  
con solo  
colocarles un anillo (2020, p. 52)

Este poema expressa a necessidade do fim do apagamento das mulheres e do seu encarceramento no ambiente doméstico. Sabe-se que estes sujeitos sofrem com o desencorajamento, sendo excluídos das “esferas de poder”. Para Gloria Anzaldúa (2000), esse é o mundo destro: que, no campo da literatura, é canônico, branco, de descendência europeia. Nesse mundo em que os homens são os donos dos discursos, as mulheres sempre existiram, mas em terceira pessoa, narradas, conjugadas, sonegadas do direito de contar suas histórias. O enfrentamento do mundo destro, como adverte Gloria Anzaldúa (2000), necessita da escrita das mulheres do terceiro mundo.

Nos últimos versos desse poema, o eu lírico problematiza o casamento, “con un solo colocarles un anillo”, como uma estratégia patriarcal para limitar as mulheres ao ambiente do lar. Para a teórica Valeska Zanello (2018), o dispositivo amoroso, materializado no matrimônio para concepção hegemônica, é o principal responsável pelo desempoderamento das mulheres. Ainda, segundo ela, a concepção do amor romântico e do casamento é moldada de acordo com a cultura de cada povo. Contudo, apesar das múltiplas possibilidades de relações amorosas, as populações invadidas pela colonização europeia, como a América Latina, vêm sofrendo com a imposição de um modelo: que é o casamento heteronormativo, o qual há uma assimetria entre homem (dominador) e mulher (submissa). Esta “colonização afetiva” atropela brutalmente as mulheres, pois

o casamento se manteve pautado em valores bastante sexistas. O código civil de 1916 manteve a mulher em uma posição de inferioridade e dependência em relação ao marido, sendo considerada incapaz de exercer certos atos legais sem sua permissão (como por exemplo, trabalhar fora de casa). (ZANELLO, 2018, p. 72-73)

A partir do espaço problematizador provocado pela leitura e interpretação deste poema de Guisela e de outros, questiona-se o patriarcado, a obrigatoriedade do casamento heteronormativo, a divisão sexual do trabalho, a reprodução social, as violências contra as mulheres, a invisibilização das mulheres na literatura etc. Ademais, o ambiente acolhedor de interpretação e apreciação dos poemas também levou as mulheres, como nas aulas de literaturas em língua portuguesa, ao relato de violências de gênero que enfrentaram ou que viram outras mulheres sofrerem.

Em se tratando da poeta afro-cubana Nancy Morejón, sua poética é muito marcada pela representação da luta do povo negro latino-americano, além de recontar as lutas das mulheres negras e da classe trabalhadora revolucionária cubana. Um dos poemas percorridos em sala é intitulado “Mujer Negra”, o qual narra a trajetória do sujeito feminino negro desde o tráfico negreiro.

Todavía huelo la espuma del mar  
Que me hicieron atravesar

La noche, no puedo recordarla.  
Ni el mismo oceano podría recordarla.  
Pero no olvido al primer alcastraz que divisé.

Altas, las nubes, como inocentes testigos presenciales.  
Acaso no he olvidado ni mi costa perdida, ni mi lengua ancestral.

Me dejaron aquí y aquí he vivido.  
Y porque trabajé como una bestia, aquí volví a nacer.  
A cuanta epopeya mandinga intenté recurrir [...] (MOREJÓN, 2001, p. 226)

#### Até a participação do eu poético na revolução comunista cubana

[...] bajé de la Sierra

para acabar con capitales y usureros,  
con generales y burgueses.  
Ahora soy: Solo hoy tenemos y creamos.  
Nada nos es ajeno. Nuestra la tierra.  
Nuestros el mar y el cielo.  
Nuestras la magia y la quimera.  
Iguales míos, aquí los veo bailar  
alrededor del árbol que plantamos para el comunismo.  
Su prodiga madera ya resuena.  
Su prodiga madera ya resuena (*Ibidem*, p. 230).

Este poema de Morejón rompe com a lógica colonial da mulher negra como o infante, sinalizado por Lélia Gonzales (2011), que “não é sujeito do seu próprio discurso, a medida em que é falado pelos outros” (p. 13). O eu lírico conta a história do sequestro colonial, da escravidão, da resistência negra e comunista a partir da posição do sujeito feminino negro. Desentando gritos, o poema denuncia os tratamentos e estereótipos negativos impostos às mulheres negras, um deles é a animalização, a qual figura, como apontou Lugones, “As fêmeas racializadas como seres inferiores foram transformadas de animais a diferentes versões de mulheres – tantas quantas foram necessárias para os processos do capitalismo eurocêntrico global” (2020, p. 74). Na terceira estrofe, essa mulher relaciona sua superexploração à desumanização: “trabajé como uma bestia”.

Além dessa e de outras queixas, essa mulher narra a sua importância em lutas históricas, como a revolução comunista cubana. Para este sujeito histórico, a abolição da escravidão negra não foi o suficiente para o fim da sua superexploração, pois, “como denunciaram as feministas negras, a opressão racial e a opressão de gênero combinam-se com maestria para maximizar os lucros capitalistas” (MARTÍNEZ, 2021, p. 266). Por isso, houve a necessidade da batalha, como confessa o poema, com os “generales e burgueses”, para, enfim, ser livre.

Na aula em que foi percorrido o poema “Mujer Negra”, ocorrida em 2021 e remotamente, depois da leitura e interpretação do poema, a professora e as alunas/os discutiram sobre como machismo, racismo e a opressão de classes afetam diretamente os corpos das mulheres negras. Infelizmente, talvez por conta do formato não presencial e/ou porque a aula foi gravada para que outros estudantes pudessem assisti-la em outro momento, as alunas se sentiram receosas em relatar suas experiências sobre as temáticas discutidas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando María Lugones assinala assertivamente que, na modernidade colonial, “o homem europeu, burguês, colonial moderno tornou-se um sujeito/agente, apto a decidir, para a vida pública e o governo, um ser de civilização, heterossexual, cristão, um ser de mente e razão” (2014, p. 936), ela também está ilustrando que é ele o senhor das palavras e, portanto, o único possível autor dos cânones literários. Dessa forma, o trabalho com literaturas em língua portuguesa e espanhola escritas por mulheres em sua maioria não brancas, pobres, LGBTQIA+, latino-americanas, ou seja, não canônicas, produtoras de literaturas periféricas e que, portanto, não se encontram nos currículos da educação formal, já é uma insubmissão que a educação popular transformadora ousa realizar.

As aulas com literaturas periféricas e anti-ideológicas, percorrendo temas como as contrariedades da colonialidade de gênero, podem ser, como nota-se, importantíssimas para a problematização das violências que as mulheres experienciam na modernidade colonial. O espaço de diálogos entre estudantes, educadores/educadoras, texto literário e mundo emerge, desde 2019, como um caminho poderoso rumo à educação crítica no município de Castanhal.

Por isso, mesmo esbarrando nas inúmeras dificuldades impostas pelo ensino remoto emergencial, visto que, frequentemente, a classe trabalhadora – público-alvo do cursinho popular – possui um limitado acesso à internet, reduzido a dados móveis; ou, às vezes, utiliza um aparelho celular emprestado de familiares ou vizinhos; ou, ainda, a aula coincide com o horário do trabalho, a educação popular, assim como as brasileiras e os brasileiros, insiste em sobreviver.

## REFERÊNCIAS

- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.
- ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. *Feminismo para os 99%: um manifesto*. Ed. Boitempo. Rio de Janeiro, 2019.
- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº11. Brasília, maio - agosto de 2013, pp. 89-117.
- CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1985.
- EAGLETON, Terry. *Marxismo e crítica literária*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- ECO, Umberto. Sobre algumas funções da literatura. In: \_\_\_\_\_. *Sobre a literatura*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREITAS, Angélica. *Um útero é do tamanho de um punho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- GADOTTI, Moacir. Paulo Freire e a Educação Popular. Proposta: *Revista trimestral de Debate da FASE*, n.113, p. 21- 27, jul./set., 2007.



GARCÍA, María Dolores Albaladejo. *Cómo llevar la literatura al aula de ELE: de la teoría a la práctica*. Disponível em: <<http://marcoele.com/como-llevar-la-literatura-al-aula-de-ele-de-la-teoria-a-la-practica/>>.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.

LÓPEZ, Guisela. In.: *Y la culpa no era mía Antología de poesía feminista*. Barcelona: Biblioteca Omegalfa, 2020.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 22(3): 320, setembro-dezembro/2014

MESQUITA, Samira Nahid de. *O enredo*. São Paulo, Ática, 1986.

MOREJÓN, Nancy. *BLACK WOMAN AND OTHER POEMS*. London UK: Mango, 2001.

PARKS, Letícia; ASSIS, Odete; CACAU, Carolina. *Mulheres negras e marxismo*. São Paulo: Associação operário Olavo Hansen, 2021.

SAFFIOTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SEGATO, Rita. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. *E-cadernos CES* [Online], 18 | 2012.

ZANELLO, Valeska. *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Curitiba: Appris, 2018.

